

NARRATIVAS E IDENTIDADES DE CRIANÇAS AFROBRASILEIRAS: UM  
TRABALHO COM IMAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
Cláudia Queiroz – UERJ

## INTRODUÇÃO

Este pôster é parte de uma pesquisa de mestrado em educação que tem como problemática os processos identitários de crianças de 4 a 5 anos em uma escola pública de educação infantil. Tenho como pressuposto que neste espaço escolar se estabelece uma tensão invisibilidade/visibilidade em relação às identidades afrobrasileiras. A referida escola localiza-se na periferia de um grande centro urbano, onde parte da representação do humano ainda é eurocêntrico-branca, embora os indivíduos que frequentam aquele espaço/crianças e educadoras – sejam em sua grande maioria negros e mestiços.

É neste cotidiano escolar que desenvolvo uma pesquisa-intervenção, articulando a fotografia, teatro, vídeos e leituras das histórias africanas e afrobrasileiras da contemporaneidade. Intervenção que propõe uma discussão em torno da ética e da estética.

Tenho em mente para o desenvolvimento do trabalho a uma reflexão e uma investigação, o que Santos (2007) tem chamado de *Sociologia das Ausências e Sociologia das Emergências*. A primeira noção chama para um auto-refletir sobre o que tem sido invisibilizado e o que tem sido hiper-valorizado? Quais os sujeitos são representados com suas histórias, memórias e experiências? E a segunda noção, a sociologia das emergências, pensa justamente em uma ampliação do tempo presente visibilizando as experiências voltadas para um projeto educativo emancipatório que dê valor aos processos de formação identitários individuais e coletivos.

Estas constatações me instigam a investigar e a discutir as questões de relação étnico-raciais dessa escola, a tensão de heróis e heroínas e suas narrativas africanas e afrobrasileiras. É preciso repensar que histórias de heróis e de princesas são hiper-valorizados. Quem são as “bruxas”? Quem são os “heróis” e as “princesas”? E, sobretudo como se dão as emergências de histórias africanas e as narrativas dos sujeitos afrobrasileiros inscritos nas relações de poder de um cotidiano escolar.

### 1.1 - O Painel Pintado na Parede da Escola

Nessa escola, já há alguns anos um grande painel com a imagem da personagem Branca de Neve de Walt Disney ocupa lugar de destaque. Este personagem tornou-se modelo estético para as crianças, o que podemos ver anunciado quando uma menina de cinco anos, que considero afrobrasileira, corre para os meus braços, pelo mesmo pátio onde se encontra o painel da Branca de Neve. Ao se deparar com a sua professora negra a elogia, colocando-a nesse lugar de destaque. “*Tia, tia você é muito linda, você é a Branca de Neve*”.

Exemplo este no mínimo contraditório, que na relação de forças, nem sempre as mensagens que vem do hegemônico vencem, e nem sempre o “*homem ordinário*”,<sup>1</sup> vem a sujeitar-se.

A partir da narrativa da menina compreendo o que Certeau (1994), nos traz sobre “*táticas e astúcias*”. Concordo com o autor que aonde há regras, há desvios. Os sujeitos comuns do cotidiano são capazes de não apenas resistir aos códigos ou aos interesses de uma classe supostamente hegemônica, mas podem também deslocar esses códigos, se apropriar dos espaços, das imagens, das linguagens de forma a inverter a lógica dominante.

O ato da comunicação, configurado pelos emissores, os receptores e as mensagens, nos quais, supostamente a mensagem emitida seria sempre hegemônica, Barbero (2003) nos oferece subsídios para entender sobre as negociações de sentidos que os sujeitos comuns fazem com as mensagens transmitidas pelos mais variados suportes midiáticos. O autor propõe uma análise dos estudos da recepção que as mensagens que circulam podem ser re-posicionadas, dando-lhes os mais variados sentidos culturais, políticos, sociais e estéticos.

Por outro lado, sem reduzir a lógica do consumo e da força que a indústria do entretenimento tem nos dias atuais na cotidianidade das pessoas, permeando os inúmeros micros espaços sociais é importante pensar nas complexidades de interações.

A imagem da Branca de Neve é somada a outras figuras do mundo Disney, que decoram as paredes daquela escola e formam o que poderia se chamar de currículo oficial imagético. São imagens carregadas de representação de um tipo de classe, de etnia, de identidade sexual agregando a isso modelos e padrões corporais eurocêntricos/americanizados<sup>2</sup> que elegem para privilegiar determinados modos de

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Michel de Certeau (1994), para designar o homem comum.

<sup>2</sup> Padrão ocidental hiper-valorizado do homem branco e da mulher branca de cabelos lisos

conhecer o mundo que estão muito longe de serem ingênuos e impossíveis de serem pensados como neutros.

Esta dimensão levou-me a refletir que nesse espaço tempo escolar é preciso pensar o que tem sido hiper-valorizado? Redefinir não só, as imagens, mas o reconhecimento da importância de narrativas positivas de heróis, heroínas afrobrasileiros em histórias, vídeos, desenhos animados para serem admirados, fixados, exibidos, pendurados no interior dessa escola.

Falar de ausência da representação de imagens e histórias afro-brasileiras ou africanas equivaleria a conscientizar os sujeitos que ali circulam, sobre como o negro ou a mulher negra tem sido representados ou invisibilizados nos livros didáticos e nos espaços educativos. Posicionar-se diante dos processos históricos de nossa sociedade, no qual, se tem uma dinâmica particular no Brasil, onde existem diferentes maneiras de dissimular o racismo ou práticas discriminatórias, permeado por uma ideologia do branqueamento que ainda no sec. XIX, as elites brasileiras idealizaram para o país, uma unidade de identidade nacional baseada em modelo eurocêntrico/branco. Este ideal projeta nas populações afrobrasileiras que ao assimilar os valores da cultura dominante estariam se afastando de algo que preconizava a inferioridade. *“Ideal esse perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial”* (Munanga, 2008, p.95).

Portanto, dentro deste contexto escolar sentiu-se a necessidade de criar emergências que fomentem discussões de invisibilidades e visibilidades que atravessam os processos identitários afrobrasileiros nesta escola.

## **1.2- Imagens de Pierre Verge visibilidade/tensão**

Interessava-me saber, na ocasião diante do cotidiano escolar repleto de imagens eurocêntrico-brancas; o que os alunos e alunas falam ou imaginam sobre as imagens de sujeitos africanos negros no livro de Pierre Verge, “Olhar África e ver o Brasil”<sup>3</sup>.

A narrativa que se segue de alunos cujos nomes serão trocados por alunos -1 e 2 e alunas – A e B, mostra a dificuldade, a complexidade e o quanto há de incomodo para todos, ali envolvidos em se falar sobre as questões de relações étnicas raciais:

**Aluno 1** - *A mãe da aluna A!* (apontando para a imagem)

**Aluno 2** - *Parece com a Aluna A*

---

<sup>3</sup> Imagem no pôster do Livro de Pierre Verge - “Olhar África e ver o Brasil”

**Prof<sup>o</sup>.** - *Parece com a Aluna A?*  
**Prof<sup>o</sup>-** *Aluna A: Você acha que parece com você?*  
**Aluna A** - *Eu não!*  
**Todas as crianças** - *eu acho!*  
**Aluna B** - *Parece, olha o narigão*  
**Aluna A** - *Eu tenho “narigão”? Eu não tenho narigão*  
**Prof<sup>o</sup>** - *Você tem um nariz lindo, Aluna A.*  
**Aluna B** - *Ela tem o maior narigão, cruz credo! (Aluna B aponta para a imagem do livro, mas não tenho certeza)*  
**Aluno 2** - *Tia eu não gosto de mulher preta!*  
**Prof<sup>o</sup>** - *Se você fosse namorar alguém, de que cor você namoraria?*  
**Aluno 2** - *Branca. Porque a cor de preta é feia e eu não gosto*  
**Prof<sup>o</sup>** - *E você Aluna A, você concorda com tudo isso? O que você acha disso?*  
**Aluna A** - *Eu acho que pode ser de qualquer pele*  
**Prof<sup>o</sup>** - *Muita bem, Aluna A !*  
**Prof<sup>o</sup>** - *Eu acho você muito linda Aluna A*  
**Aluno 2** - *Eu também acho, mas só de “olho”*

Considero que todos os sujeitos representados na narrativa são negros e talvez aí, esteja o maior conflito e contraditória no diálogo da narrativa acima.

As crianças logo que viram a imagem fotográfica de uma mulher negra com um turbante e colares no livro, nomearam uma só pessoa para estar nesse lugar. No caso a Aluna A. A menina quando diz – “*Eu não*”, demonstra que também não quer estar neste lugar pouco conhecido e valorizado. Uma imagem pouco protagonizada na literatura infantil e insuficientemente visível com heróis e heroínas na TV e no cinema.

Os sujeitos e seus enunciados contidos na narrativa em questão revelam os estigmas enraizados na sociedade e nas mentalidades. Identifico-me nas falas desses meninos e meninas. Ora esquivando-me do lugar do primitivo, de ser “feia”, pois, o sentimento, se é exterior, não é igual a mim, não reconheço esta figura de pele negra já tão ferida por um longo tempo. É preferível não lembrar que esta imagem é também um pouco minha e, por outro, alio-me a aluna A, para que juntas resistíssemos aos afetos e zombarias.

O que se revela na narrativa é um sentimento de incômodo, um mal estar que veio ao longo da história encarnado, enraizado, sedimentado e realimentado pelos discursos cientificistas do colonialismo e da escravidão. E mais recentemente pelas formas da mídia, que insere o mito do padrão branco de cabelo liso almejado.

Hall (2006) menciona que:

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura de cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (p.63)

Entende-se então que o racismo antes atrelado a questões biológicas foram substituídas pelas formas de representar, uma estratégia discursiva frequentemente utilizada pela cultura hegemônica para fixar papéis, estereótipos de características físicas e práticas sociais ligados aos modelos de inferioridade.

Hall (2006) argumenta que os antagonismos, velhos dualismo do mundo ocidental, não se sustentam mais na modernidade, pois, na contemporaneidade, atende como *racismo cultural* que fere a todos. Um racismo agressivo, que se desloca por entre as identidades, classes, gêneros, nos diversos espaços/tempos físicos e simbólicos, um tipo de racismo que tem se expressado, não mais como antes, polarizado e sim de um modo movediço e conflitante.

Perceptivelmente posso dizer que todos nós, naquele dia, nos sentimos incomodados com as falas de um e de outro, mas não derrotados. Talvez ali, criou-se o vínculo para o começo da pesquisa e um espaço de diálogo. Enfim, naquela tarde, eu não vestia nenhuma de minhas vestes mais conhecidas, a de pesquisadora e a de professora, mas sim, de mulher negra diante do que me afeta, contida na última fala do menino da narrativa. Que me faz persistir nesta pesquisa-intervenção e que reverbera por todos os poros do meu corpo; negro, no qual compartilho com você leitor: O que seria? “Uma mulher linda sim, mas só de olho”.

## **Referencial Bibliográfico**

BARBERO, Jesus Martins. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª edição, Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2003.

CERTEAU, M. De. *A invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kebengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.

VERGE, Pierre, *Influências: Olhar África e ver o Brasil*. Org. Raul Lody. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.